

N. 19/12/80

# DESDE A HISTÓRIA DA BOMBA NO SCALA A TENTATIVAS DE ASSASSINATO CONTRA DIRIGENTES

Quem não se lembra da explosão no Café Scala a 25 de Julho de 1978?

Naquele dia, às 20.15 horas, 50 pessoas ficaram feridas, quatro das quais, em estado grave, em consequência de uma forte explosão provocada pela detonação de um engenho colocado junto a uma das portas de entrada daquele estabelecimento. Minutos depois desta ocorrência a nossa Reportagem inteirava-se do sucedido junto a elementos da Segurança que, de imediato, se deslocaram ao local. Envolvidos pela tensão do momento as informações e os comentários foram breves e curtos. Do pouco que foi dito temos ainda apontado no bloco de notas há muito arquivado uma afirmação a que na altura não ligámos importância. Como que falando para si um responsável do SNASP para ali destacado comentou: «hayemos de apanhar».

Na semana passada, numa conferência de imprensa realizada nas instalações daqueles Serviços constatámos que aquelas palavras foram quase como que uma profecia: um dos organizadores daquele acto criminoso e dois outros elementos envolvidos na acção mais vasta em que se insere a colocação daquela bomba encontram-se desde há algum tempo nas mãos das nossas Forças de Defesa e Segurança. Amaro Tavares da Silva, Ernesto Mavue e José Timane são os seus nomes.

Numa longa conversa com estes três agentes do regime rodesiano capturados em diferentes momentos, em território moçambicano, quando vinham executar missões diversas, pudemos compreender melhor alguns aspectos da complicada história da contra-revolução directamente comandada pelo eixo Salisbúria-Pretória.

Durante aquela conferência de Imprensa, em que cada um dos referidos criminosos de nacionalidade moçambicana contou a sua história de traição esclareceu-se que a bomba foi posta no «Scala» porque não se conseguiu atingir o objectivo a que era destinada: a casa do Presidente da ZANU, Robert Mugabe.

É a tentativa de assassinato de dirigentes, quer do nosso Partido e Estado, quer da ZANU, surge sempre ao longo dos relatos que escutámos, como o ponto de confluência das histórias de cada um destes agentes. No decurso da conversa proporcionada na conferência de Imprensa surgem ainda nomes que já nos são familiares pelos seus crimes contra o nosso Povo. Entre os cabeçilhas destacam-se Orlando Cristina, «homem de mão» de Jorge Jardim e um tal George, elemento preponderante no Special Branch (Polícia política rodesiana) ambos ligados à contra-revolução e às agressões contra o nosso País. Surgem ainda outros nomes como Lamuca, Pedro Chauque e Mamade Anifa Usumane já condenados e fuzilados por estarem implicados, entre outras acções, em actos de espionagem e missões de reconhecimento a residências de dirigentes, tal como referimos na nossa edição de 1 de Abril de 1979.

## «SPECIAL BRANCH» DO DESESPERO À UTILIZAÇÃO DA INCONSCIÊNCIA

Amaro Tavares da Silva, um ex-professor de trabalhos manuais na Escola Secundária de Lhanguenue fugiu do País em princípios de 78. Depois de uma breve estada na Suazilândia, segue para a África do Sul, donde é levado para Salisbúria, na Rodésia. Daqui segue para Bindura a cerca de 90 quilómetros da capital rodesiana e importante centro do «Special Branch». Em pouco tempo ganha a confiança dos chefes das forças racistas e passa a acompanhá-las nas suas múltiplas missões de organização da contra-revolução, viajando inúmeras vezes para a Suazilândia e África do Sul.

Em «Retreat Farm» (Quinta dos Retugiados) encontravam-se todos os traidores. Neste local, a uns dez quilómetros de Bindura, foram treinados quase todos os agentes rodesianos destinados a actuar

em Moçambique. Depois de testados e comprovadas as qualidades reacionárias de Amaro, os racistas promoveram-no a «elo de ligação» entre o «Special Branch» e os moçambicanos traidores que ali se encontram em preparação para actuarem em futuras missões no interior do nosso País.

O seu nome começa a estar ligado a numerosos crimes. Foi, pois, Amaro quem nos contou a história da bomba do Scala. E esta é, afinal, apenas uma das muitas missões em que esteve envolvido. A bomba do Scala era para ser posta em casa do Presidente Robert Mugabe. Foi enviado um agente a Moçambique com duas malas-bombas, que lhe foram entregues na África do Sul, para fazer explodir em casa do Presidente da ZANU. Porém, ainda à caminho para o nosso País, o referido agente destacou-se de uma das malas. A outra acabou por ser colocada junto ao Scala, pois, explica Amaro, ficou intimidado com a presença de guardiões das FPLM na referida residência.

Um dos responsáveis pela explosão no «Scala» está, portanto, hoje, nas mãos das nossas Forças de Defesa e Segurança e chama-se Amaro Tavares da Silva e frequentou o colégio católico da Namaacha «Mouzinho de Albuquerque».

Amaro tem hoje 21 anos. Na altura em que abandonou o País era menor. Da conversa que mantivemos com ele fica-nos a imagem da falsidade e de uma educação profundamente deformada. Por quatro vezes pedimos-lhe que repetisse alguns aspectos da sua história, já que a localização no tempo dos acontecimentos era que estivesse envolvido denunciavam sempre contradições e mentiras que queria impingir. Não perdia contudo um ar de mártir e de vítima. Ao contar as diferentes versões da mesma história fazia-lo como que numa confissão. A cada momento implorava que acreditássemos nele. Primeiro que acreditássemos que esteve apenas de passagem por Bindura e «Retreat Farm» para, ver se conseguia um emprego. Depois que acreditássemos que foi apenas intérprete. Mais adiante um «elo de ligação». Finalmente, concluiu-se que tinha o estatuto de chefe de base e em conjunto com os chefes rodesianos, transmitia as ordens a outros traidores moçambicanos para que viessem ao nosso País executar determinadas missões.

A sua vida de marginal é um traço marcante ao longo de toda a história que nos conta. Entre os motivos que alega para ter saído do País encontram-se problemas familiares. Através dos seus problemas pessoais que o levaram à traíção procura apresentar-se como vítima. É de facto uma vítima. Mas uma

vítima, antes de tudo, da sua própria inconsciência política e da desonestidade pela qual se caracteriza o seu comportamento.

Como o professor, em Lhanguenue, ganhava 10 500\$00. Nos últimos tempos de agente era entre os traidores moçambicanos, um dos que tinha um vencimento mais alto. Pagavam-lhe mensalmente 100 dólares rodesianos, o que equivale, mais ou menos a cerca de 4.000,00 MT. Procurando explicar e desculpá-lo dos seus crimes afirmou: «Estava num beco sem saída. Os rodesianos «maljavam-nos» muito».

Ernesto Mavue e José Timane contam-nos também, as suas histórias, que têm muito de semelhante, quer entre si, quer com a de Amaro da Silva. Contudo, nos relatos destes dois agentes a impressão com que ficámos depois de ouvir o ex-professor de Lhanguenue consolidou-se e ficamos com uma ideia clara do estado de desespero em que nos últimos anos se encontravam os serviços secretos rodesianos.

Mavue tem pouco mais de 20 anos e abandonou Moçambique em Fevereiro de 1979 com destino à Suazilândia, donde é levado para a África do Sul e daí para a Rodésia, em Bindura. Como todos os outros vai parar a «Retreat Farm». «Ai recebi instrução de pistola e granada. Estavam para me ensinar a trabalhar com explosivos mas não cheguei a estar lá muito tempo. Vieram-me buscar e fui para a África do Sul com a missão de vir a Moçambique reconhecer a casa do Presidente Mugabe».

— Achiava-se capacitado para vir executar uma missão perigosa como essa e que implica certas técnicas e riscos, quando, afinal, a sua formação como espião foi curta? — perguntámos.

— Isso eu não sei bem, porque eles é que me davam os treinos — respondeu Ernesto, antigo aprendiz de mecânico-bate-chapas, adiantando ainda: — Mandaram-me porque diziam ser uma missão urgente».

A conversa prolonga-se e frase a frase confirmamos a ideia do desespero em que aqueles serviços de espionagem se encontravam, o que os obrigava à utilização de um grande número de agentes sem um mínimo de experiência, que mais não eram do que «carne para canhão».

É porém, em José Timane, com 23 anos que vemos de modo mais flagrante o exemplo de «carne para canhão». O caminho que este aprendiz ajudante de fotógrafo na Namaacha segue de Moçambique até «Retreat Farm» é o mesmo que o dos seus colegas. Ai, de início, recebe 50 dólares rodesianos, e mais tarde, quando é encarregue da missão

que o traz a Moçambique aumentam para 75, o que corresponde aproximadamente a 2 000,00 MT e 3 000,00 MT respectivamente. A missão que o traz a Moçambique é uma vez mais a de fazer explodir a casa do Presidente Robert Mugabe. Deram-lhe os meios para isso e introduziram-no através da fronteira de Ressano Garcia. Mas José Timane é semi-analfabeto e não sabia sequer ler o papel onde vinha indicada a direcção da residência do Presidente da ZANU. Conduzido ao local por outros agentes ele deveria, então, ser largado à sua sorte na execução da operação.

## OS ALVOS DA REDE DE ALICIAMENTO DE AGENTES DA CONTRA-REVOLUÇÃO

Ernesto Mavue e José Timane alegam ter saído de Moçambique à procura de «melhor emprego» e ainda porque como afirmou o príncipe dos jovens «queria uma vida diferente». Enquanto estiveram em Moçambique as suas actividades oscilavam entre o desemprego e o subemprego. E nestas condições que, de acordo com as afirmações dos próprios, emigram clandestinamente para a Suazilândia.

Aqui, acontece-lhes o mesmo que a muitos outros, tal como também em relação a Amaro da Silva. E isto é um dos aspectos importantes da complicada história da contra-revolução comandada pelo eixo Pretória-Salisbúria.

Neste país vizinho a rede ali montada pelo «Special Branch» tem, entre outras missões, a de aliciar todos os moçambicanos que estiverem ao seu alcance para os integrar na contra-revolução. O processo de aliciamento perante indivíduos como os que acabámos de conhecer não é difícil. E é isso que se passa com Mavue e Timane.

O primeiro, encontrando-se desempregado na Suazilândia é contactado por um outro traidor moçambicano chamado Nelson e que, já ao serviço do regime racista, era conhecido por Bob Shellton. Referindo-se a este contacto, Mavue confessa hoje que, na altura, acreditou ter resolvido o seu problema e estavam abertas as portas para a tal «vida diferente».

Ele disse-me que o pai dele tinha uma oficina na África do Sul. Mas, depois de falar comigo, quando entrámos na África do Sul, ele levou-me à Polícia — relata Mavue.

A partir daqui as coisas seguem a sua rotina. A cooperação entre as polícias sul-africana e rodesiana encarregava-se do resto. Primeiro fazia-se uma avaliação das potencialidades de cada



Da esquerda para a direita: José Timane, Amaro da Silva e Ernesto Mavue. Três agentes inimigos, mas a mesma história de traição

um dos indivíduos nestas condições seleccionando-se os que poderiam vir a servir como agentes da contra-revolução. Depois, uns ficavam ao serviço do «Special Branch» rodesiano e os outros que não tinham qualidades para serem agentes eram repatriados.

E é olhando para estes três «apurados» pelos serviços secretos rodesianos que podemos formular uma ideia mais clara do mecanismo que permitia ao «Special Branch» arranjar indivíduos em condições (?) de serem utilizados nos mais diversos tipos de crimes contra o nosso País.

O caso de Mavue é, como vimos, um emigrante clandestino, sem qualquer documentação à procura de emprego num país que não é o seu. Os outros dois, com mais ou menos pormenor, são casos semelhantes. Em relação a todos eles domina uma total inconsciência política. Estas, pois, as condições que os levam a serem «apurados» para o «Special Branch».

#### VIGILÂNCIA POPULAR: A BARREIRA INTRANSPONÍVEL

Em contrapartida a história da detenção destes criminosos revela o elevado nível de organização da vigilância popular que tem sabido detectar e neutralizar numerosos agentes, evitando muitos crimes.

No caso de Ernesto Mavue (que havia recebido a missão de fazer o reconhecimento da casa do Presidente Robert Mugabe) perante o nível de vigilância que estava montado para garantir a segurança deste verdadeiro dirigente da luta de libertação do Povo do Zimbábue e perante a punição exemplar dada a outros agentes, alguns deles seus conhecidos, pelo menos de nome, como Lamucas Pedro e Mamade Anifa, aquele espião enfrenta dificuldades para levar avante a sua missão. Ele, que havia entrado em Moçambique em princípios de Setembro de 1979, prepara-se pois para abandonar de novo o País. Contudo, antes que o possa fazer, o Serviço Nacional de Segurança Popular detecta-o em princípios de Dezembro na Feira Popular e depois de uma cena de tiros na «25 de Setembro», Mavue é detido um plena baixa de Maputo.

Quanto a José Timane, depois de «saltar» a fronteira junto a Ressano Garcia e de se ter introduzido no comboio com destino a Maputo é detectado também nos fins do ano passado já próximo da capital. Na Matola-Gare uma mulher das Milícias Populares, observando algo de estranho no seu comportamento pede-lhe para abrir o saco que transporta consigo. Ele recusa-se. Gera-se confusão e a população acorre em auxílio daquele elemento das milícias. Timane põe-se em fuga, mas uma multidão persegue-o. Retira então do saco

uma das pistolas e dispara, mas, por sorte, não atingiu ninguém. Lança então uma granada que explode sem que, de novo, alguém seja atingido, pois com a pressa da fuga ela caiu longe da população que corria no seu encalce. Depois de se refazer do susto da explosão a perseguição é retomada e, finalmente, José Timane cai nas mãos da vigilância popular que o entrega ao SNASP.

Por último, Amaro da Silva vem ao País na sua qualidade de chefe para saber o que se passava com alguns dos seus agentes, entre eles Ernesto Mavue, que até então ainda não tinham regressado.

Contudo, o seu estranho aparecimento, após tão longa ausência, é motivo de apreensão em alguns dos seus conhecidos que em tempos foram amigos próximos de Amaro. São eles que, pondo acima de amizades antigas o seu dever patriótico, colocam as estruturas de segurança de sobreaviso. Facilmente Amaro é detectado e preso, pondo-se assim termo à carreira de agente da contra-revolução deste marginal que, em tão pouco tempo, ganhou as simpatias dos chefes do «Special Branch» a ponto de em curto período o colocarem como «elo de ligação com os espiões moçambicanos» ou, segundo a versão de outros seus colegas de contra-revolução, como «chefe de base».

Conhecedor da biografia e das antigas ligações de Amaro, o SNASP mobiliza a vigilância popular em locais aonde, certamente, aquele espião iria ter quando viesse ao nosso País em missão. Assim foi. Veio para saber dos seus homens e para tal contactou com conhecidos seus em alguns desses locais. Ali, prontamente, a população deu conta da sua presença ao SNASP, que de imediato, o prendeu.